

EVANGÉLICOS, CULTURA POPULAR E ENSINO RELIGIOSO: A ESCOLA PÚBLICA LAICA PODE PRESCINDIR DESTA DISCUSSÃO?

CAMPOS, Luciana de Almeida – UFF

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Parker (1995) ao analisar o crescimento dos segmentos pentecostais na América Latina, afirma que a partir dos anos 30, com o crescimento das aglomerações urbanas e da manufatura, a sociedade passou a enfrentar uma crise pois, com o impacto da industrialização dependente, não ocorreu aumento do emprego industrial e portanto, o sistema mostrou-se incapaz de absorver a mão-de-obra que migrava do campo. Com isto, no decorrer dos anos, ocorreu um aumento da terceirização e do setor informal da economia, como conseqüência da incapacidade do Estado em absorver o aumento da população economicamente ativa.

Segundo Parker (idem), a situação de deterioração das condições de vida, acentuou a frustração, tensões, violência social, consumo de drogas e rebeldia. Nota-se grande contingente migratório da América Latina para os EUA e Canadá. Tais modificações econômicas e culturais, encontram reflexos nas mudanças de mentalidades e práticas sociais.

Em meados dos anos 70, a sociologia abordava de forma crítica a modernidade norte-americana. Supunha-se que com a passagem de uma sociedade agrária tradicional para uma sociedade moderna, urbana e industrial, deveria ocorrer inevitavelmente uma secularização dos valores, ou seja, supunha-se que a religião passaria a ter uma importância cada vez menor na vida social, sendo substituída por normas seculares, sem referência ao sobrenatural. Parker (1995) questiona a sociologia positivista secularizante e argumenta a partir de resultados de pesquisas realizadas nos países da América Latina e Caribe. De acordo com dados de censos nestes países, o catolicismo que até 1980 era majoritário, diminuiu, mas cresce o número de protestantes e adeptos de seitas. Assim, *“Ao estudar o panorama geral para o conjunto de países da América Latina, podemos constatar que não se dá, como poderia postular a teoria da modernização, uma associação direta e monocausal entre o grau de urbanização-industrialização e o grau de aumento de não-crentes”*.(p.87)

“Em termos tendenciais podemos dizer que a um maior impacto de um processo de urbanização periférico, desigual e heterogêneo, corresponde uma menor pressão para manter os laços com a religião católica majoritária, um maior

pluralismo religioso e ideológico. Aumentam os protestantes, outras religiões e não-crentes. Em todo caso, os dados consignados nos levam a estabelecer, a título de hipótese, que o processo “secularizador” provocado pela urbanização periférica envolve uma transformação do campo religioso, quebrando o monopólio do catolicismo e introduzindo novas opções religiosas”. (Parker, 1995: p. 92)

Como demonstra Parker (idem), não podemos falar em secularização na América Latina, mas numa mudança dos modos de expressão religiosa. Concluimos assim, que o aspecto religioso não se dilui, mas se transforma e que claramente, o catolicismo não vem conseguindo manter sua hegemonia neste novo momento.

Novaes (2001) ao analisar os dados sobre religiosidade dos brasileiros obtidos no censo realizado pelo IBGE em 2000, comenta que o fenômeno mais evidente nesta pesquisa é o expressivo crescimento numérico dos pentecostais de diversas denominações que se multiplicam em organizações religiosas de pequeno, médio e grande porte.

Novaes (idem.) divide os protestantes em três grandes grupos: *Protestantes Históricos*, que englobam denominações mais tradicionais fundadas até o final do século XIX, os *Pentecostais* que chegam ao Brasil em 1910 e 1911 com a criação da Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus sobretudo no Norte e Nordeste e os *Neopentecostais*, que começam a surgir no final da década de 70 e início da década de 80, representados principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus. Bonfatti (2000) afirma que o neopentecostalismo “*tem como características além do antiecumenismo, presença de líderes fortes, a catarse emocional, participação na política partidária*” (p.19). Embora pontue que existam diferenças significativas entre os próprios pentecostais, estes partilham das seguintes características que os distinguem dos protestantes históricos:

“De maneira geral, os pentecostais partilham da espera de uma segunda vinda de Cristo e acreditam ter acesso, no dia-a-dia, aos dons e carismas do Espírito Santo. À ação do Espírito Santo atribuem curas dos males do corpo e da alma. Em suas igrejas, os pentecostais se expressam religiosamente através das palmas, do falar em línguas estranhas (glossolalia), dos rumorosos louvores e evocações, dos peculiares movimentos corporais, dos exorcismos. Os “testemunhos” são muito importantes em seus cultos. Através deles os fiéis dão publicamente a conhecer os problemas e as soluções encontradas para questões pessoais e familiares, de ordem financeira, afetiva, de saúde. Frequentando assiduamente as igrejas(...) se consideram apartados das coisas do mundo.”

(Novaes: p.44, 2001)

Deste modo, mudanças foram sendo operadas no campo religioso brasileiro, de modo que o pentecostalismo/neopentecostalismo fossem alcançando grande penetração junto às classes populares.

Novaes (2001) ao citar relatos de alguns entrevistados, demonstra como as oportunidades das classes populares são restritas: *“Algumas mães ao falar sobre o destino de seus filhos, muitas vezes resumem o futuro de alguns deles a duas alternativas: ser crente ou ser bandido”* (p. 71). Deste modo, conclui que as classes populares estão se valendo da conversão como estratégia de enfrentar à exclusão social e ausência de controle do poder público em áreas predominantemente controladas pelo tráfico de drogas. Valla (2001) corrobora esta visão, acrescentando que no vácuo deixado pelos poderes públicos as classes populares estão indo às igrejas com o objetivo de procurar apoio social.

Neste sentido, a *Teologia da Prosperidade* possui um grande apelo no seio pentecostal/neopentecostal, como afirma Soares (2002):

“Nas correntes dedicadas ao tema da prosperidade, pastores e bispos reiteram a necessidade permanente do fiel lançar um ‘desafio’ a Deus que constitui a oferta antecedente e sistemática de um dízimo ampliado, ‘tomando posse’ pelo conhecimento da palavra divina expressa no evangelho, do que lhe é de direito. Já que por princípio considera-se que nada se obtém gratuitamente, há um reforço da idéia do fiel tornar-se um ‘sócio’ de Deus, estabelecendo com ele um ‘contrato’ onde não se pede, mas ‘exige-se’ que cumpra sua parte” (p.123)

A riqueza como desempenho direto da vocação¹, é não só permitida, como recomendada. Em algumas denominações pentecostais e neopentecostais em nossos dias, o que se percebe nos cultos é a insistente inculcação da doação da décima parte desta riqueza para a Igreja através do dízimo², das ofertas e campanhas e, assim busca-se ensinar ao fiel que existe uma relação direta entre *fiel rico e Igreja rica*.

Outra questão relativa aos pentecostais e neopentecostais merece ser mencionada. Refere-se à solidariedade observada entre os *“irmãos na fé”*. Prática muito comum entre este grupo é não só ajudar os membros necessitados, mas também buscar serviços de pessoas ligadas ao mesmo sistema de crenças. Neste sentido, vale à pena trazer esta contribuição de Bonfatti (2000):

¹ Indica apropriações de certas premissas ditadas por Weber no início do século XX, em *“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”*.

² Vale afirmar que o Dízimo é um preceito bíblico, vide por exemplo Malaquias, capítulo 3,10. Porém, este é mais enfatizado nas igrejas protestantes que em outras denominações.

“ Há algum tempo, recebemos pelo correio um folheto de propaganda de uma pizzaria que, como muitas outras, oferecia seus serviços por telefone de entrega em casa. Até aí, nada demais. Porém, chamou nossa atenção o fato de que entre as variedades de pizzas e seus respectivos preços no folheto, destacava-se em forte cor, junto ao nome da pizzaria, a seguinte frase: A Primeira Pizzaria Evangélica da Cidade! Um consumidor de pizzas desatento talvez não tenha percebido a dimensão dessa frase nesse simples folheto de propaganda (...) é interessante ser uma pizzaria evangélica, pois há uma clientela de evangélicos cada vez maior e mais disposta, se possível a gastar seu dinheiro somente com evangélicos” .

(BONFATTI, 2000: 16)

Bonfatti (idem) afirma que cem mil pessoas se tornam evangélicas por ano na região metropolitana do Rio de Janeiro e que em 1994, havia pelo menos uma igreja evangélica sendo aberta por dia útil. Certamente que este assombroso crescimento contribui, para uma modificação da representação social que tem dos evangélicos³: *“Hoje já começam a ser vistos de forma diferente: são tidos como argutos, concorrentes e empreendedores não só no mercado religioso como também no mercado financeiro”* em oposição à visão bizarra, distante e até pejorativa que se tinha deste segmento até décadas atrás. (Bonfatti, 2000: 16) Deste modo, podemos perceber que este público ganha especial evidência. A qualificação de “evangélico” certifica produtos e serviços orientando no mercado, estratégias de consumo.

A QUESTÃO DO PENTECOSTALISMO NA ESCOLA

Existem vários estudos destes sobre os pentecostais nas Igrejas, em sua crescente penetração na política, mas e na escola? Quando este grupo é preponderante, como no estudo realizado, como isto se reflete ou não na rede de relações intra-escolares, na relação com o ensino religioso e nos desdobramentos pedagógicos? Como, no cotidiano escolar, o duplo pertencimento à categoria de professor do ensino público e de evangélico pentecostal/neopentecostal afeta ou não as representações sociais deste grupo refletindo-se em sua prática pedagógica?

Como lembra Valla (2001), defender uma escola laica, não nos exime de refletirmos sobre a religião na vida de nossos alunos. Neste sentido, seguem algumas considerações a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico.

³ Clara Mafra (2001) afirma que não obstante a diversidade de denominações sob esta égide, *“se forjou um certo consenso referendando o termo evangélico como categoria abrangente”* (p.7).

A escola estudada, situa-se no município de São Gonçalo, terceiro maior em habitantes no Estado, que possui o 1014º IDH do Brasil, demonstrando possuir uma população com perfil sócio-econômico baixo, especialmente quando comparada a Niterói, com o 3º IDH do país, de onde dista apenas dez quilômetros.

A escolha por uma escola municipal gonçalense relaciona-se ao fato deste município possuir ensino religioso em suas escolas e da Secretaria Municipal de Educação ter permitido minha entrada para a pesquisa. A escola me foi indicada pela Superintendente de educação à época. A fim de preservar a identidade daquela unidade de ensino, a chamarei de *logos*.

O processo de ingresso na instituição, ocorreu em agosto de 2003 e teve duração de nove meses, com a frequência de três visitas semanais. A escola contava com cinco turmas em cada turno, com uma professora de Ensino Religioso e uma professora de Sala de Leitura. Com relação ao pertencimento religioso das docentes, doze no total, oito eram “evangélicas”⁴, três eram católicas e uma não professava nenhuma religião. Já no que se refere aos discentes, que totalizavam cento e oitenta e oito, 113 eram “evangélicos”⁵, 61 católicos, 7 testemunhas de Jeová, 4 freqüentam a igreja católica e evangélica concomitantemente, 2 espíritas e 1 criança disse não professar nenhuma religião.

A partir da análise destes dados, fica claro que nesta escola predominavam os evangélicos, tanto no corpo docente, quanto no discente. Os docentes evangélicos eram todos pentecostais ou neopentecostais e os três católicos eram praticantes. Infelizmente com relação aos alunos, não foi possível precisar se eram tradicionais, pentecostais ou neopentecostais pois em sua maioria, não sabiam dizer o nome de sua denominação religiosa.

UM CULTO NA ESCOLA: A CURA DO CORPO, A CURA DA ALMA E A CIÊNCIA DA ESCOLA

⁴ A categoria “evangélica” era utilizada correntemente na escola e por esta razão, passo a usar esta nomenclatura para me referir a professores e alunos protestantes.

⁵ A utilização do termo “alunos evangélicos” deve ser encarada com cautela, pois sabemos que nas religiões protestantes, só se passa a ser membro da igreja após o batismo, que ao contrário do catolicismo, não ocorre na infância. Deste modo, quando cito “alunos evangélicos”, na verdade estou me referindo às crianças que freqüentam estas igrejas acompanhadas de seus responsáveis que podem ser de fato membros.

Desde o dia em que cheguei na escola, o drama de *Maria*⁶, a filha da Diretora e também funcionária da escola, era assunto constante no dia-dia daquela instituição. *Maria* se restabelecia da retirada de vários tumores da coluna que suspeitavam ser malignos e que poderiam causar a paralisia de seus membros inferiores. Após muitos meses de sofrimento com a doença de diagnóstico impreciso, a moça havia sofrido uma delicada cirurgia e se recuperou. O culto de Ação de Graças por seu restabelecimento, foi algo que aconteceu durante minhas primeiras visitas à escola. Portanto, acompanhei seu planejamento, percebi a empolgação dos professores nos preparativos, especialmente de *Marta*, professora de Religião, que parecia organizar mais diretamente o evento, ensaiando as crianças e dividindo tarefas.

No dia do culto, as aulas foram suspensas. Interessante pontuar que os calendários escolares das escolas públicas, resguardam feriados de alguns santos e datas instituídas de modo a referendar a tradição católica⁷. No entanto, nesta instituição, era realizada uma (re)apropriação⁸ deste, de modo a assegurar eventos relevantes para aquela comunidade. Não havia previsão instituída oficialmente de suspensão das aulas para um culto, no entanto a escola o fazia quando achava necessário, pois fui informada que não era a primeira vez que realizavam um culto interno, sem a presença de alunos.

Quem conduziu o culto foi a Sra. *Déborah*, convidada pela merendeira *Ana*, que é evangélica, para realizar a pregação de *Ação de Graças* naquela manhã pelo restabelecimento de *Maria*. Professores dos dois turnos, funcionários de apoio e coordenadores estavam presentes. Ficamos todos escondidos no refeitório e quando a Diretora chegou com sua filha, foi recebida com uma música religiosa de boas vindas

Após cumprimentar a todos, um grupo de alunas de 3^a. e 4^a. séries apresentaram uma dança ao som de uma canção religiosa e depois foram embora.

A Sra. *Déborah* iniciou sua pregação, lendo uma passagem bíblica sobre uma mulher que sofria de um problema de saúde e foi curada por Jesus⁹ e fez uma analogia com a recuperação de *Maria*. A partir deste momento, alguns *testemunhos* de cura foram dados espontaneamente.

⁶ Nome fictício a fim de preservar a identidade da professora. Todos os nomes citados em seqüência aparecerão em itálico e serão codinomes.

⁷ Abreu (1999) ao descrever a Festa do Divino no Rio de Janeiro, demonstra a vinculação do popular com a religiosidade católica.

⁸ Apropriação no sentido atribuído por Roger Chartier, refere-se a uma adequação inventiva daquilo que é oferecido.

⁹ (LUCAS, 8, 43-48)

A Diretora deu seu depoimento sobre a ação de Deus em sua vida, a homenageada, *Maria* também falou sobre a ação divina e todos se emocionaram. Após este momento, *Ester*, faxineira da escola, falou sobre como foi sua conversão, sobre a cura de sua filha e entoou um hino evangélico. Sua voz impressionou a todos. Algum tempo depois, em uma entrevista, conversamos sobre aquele momento:

“Eu não acreditava muito em nada e depois que eu comecei a freqüentar¹⁰ e depois também do problema da minha filha que no caso ela teve que operar urgente, né? Ela teve que operar o braço porque ela caiu e o osso deslocou e aí ela teve que operar, aí através deste dia, que foi o dia mais, mais importante que eu me entreguei mesmo ao Senhor, à religião porque no caso a religião não salva porque você crê em Deus aí você tem assim uma possibilidade... eu não gosto muito de falar porque eu fico assim muito emocionada com essas coisas... (pausa) e assim, foi uma coisa muito importante na minha vida, da minha filha, porque foi aí que eu acreditei mesmo que existe um Deus que cuida e cura, que liberta e assim foi uma coisa muito importante na minha vida, a religião, muito importante até mesmo no caso, você passar para as crianças, no caso a religião é uma coisa muito importante, né?”

Com relação ao dom de cantar, que pude constatar ao ouvir sua belíssima voz, perguntei como foi esta descoberta após sua conversão e como isto chegou à escola:

“Foi assim: Eu não esperava, eu não esperava e depois que eu me batizei na igreja eu tinha uma classe e nesta classe a gente tinha um dia para ir aprender mais, aprender como lidar, porque eu era nova convertida e aí ali, no primeiro dia que eu fui visitar esta classe depois que eu me batizei, aí me chamaram e disseram vamos, vamos você gosta de cantar, o que aconteceu foi que eu não esperava e a primeira vez que a gente fomos cantar que foi o primeiro congresso, foi a primeira vez que eu fiz o solo e ela começou: vamos treinando, vamos treinando...”

Pesquisadora – E como que o pessoal aqui da escola descobriu o seu talento?

Ester – Porque eu sempre vivo cantando, vou fazendo o serviço e cantando, fazendo o serviço e vou cantando. Tinha assim o congresso e eu tinha que vir e eu trazia a roupa, antes de ir para o congresso eu botava a roupa, tinha que ir pra lá direto, aí houve o problema da Maria e resolvemos fazer um culto, né? Aí ela falou então vamos fazer um culto, aí foi quando começamos e fizemos dois cultos. O primeiro foi este ano, foi rápido, foi mais clamor, né? A outra foi né, pra agradecer mesmo, no mesmo sentido.

Pesquisadora – Os dois no mesmo sentido, em função dela, o primeiro pra pedir, a cura e tal?

Ester – É, o dela e de um outro senhor que trabalha também, que tá até internado, seu João¹¹ e começamos a fazer este clamor, depois das aulas a gente dava a mão e ficava todas as professoras cada um e ficava tudo junto e ficava orando ali por eles, pedindo ao Senhor por eles e foi assim que começamos e eu agradeço a Deus a oportunidade porque eu gosto muito de

¹⁰ Ester freqüenta o Centro Evangelístico de Icaraí, em Niterói.

¹¹ O Sr. João trabalhava na limpeza da escola.

louvar, eu sempre falo assim: no dia que o Senhor não permitir, aí é vontade do Senhor, mas enquanto o Senhor permitir, eu vou louvar, eu gosto.”

Ana, a merendeira que trouxe a pregadora e que ora pelos alunos em dificuldades¹², Ester, a faxineira que canta e Isabel, a aluna coreógrafa¹³, são pessoas que me fazem pensar. Penso que além do destaque que estas recebem no ambiente de trabalho e possivelmente em suas igrejas, vale pontuar o importante papel da religião em suas vidas. Talvez as classes populares, diante das poucas alternativas para saírem da situação de aflição, encontrem na religião, além de um espaço que confere significado ao seu sofrimento e energia para lutarem - com a ajuda de Deus e dos irmãos, - também um espaço que lhes confere uma valorização pessoal. A merendeira que traz a pregadora, a faxineira cantora, a aluna coreógrafa...O que isto pode significar no espaço escolar, que é um espaço totalmente hierarquizado? No momento do culto, que é o momento do conagração, há também uma inversão de papéis, uma redistribuição dos poderes simbólicos em jogo possibilitando que aqueles que no cotidiano ocupam posições hierarquicamente periféricas, ganhem destaque.

Outros testemunhos em torno da conversão e da ação de Deus na vida das pessoas foram dados.

Ao sair da reunião, fiquei bastante impressionada com tudo o que presenciei: suspensão de aula, louvores, cânticos e pregação... Foi naquela manhã que pude perceber o quanto naquela escola a questão da religiosidade era pregnante. Várias perguntas surgiam ao mesmo tempo: *será que a religiosidade expressa nos acontecimentos daquela manhã estavam diretamente relacionadas à presença de Marta naquela escola? Mesmo que não houvesse ensino religioso naquele espaço, haveria a expressão da religiosidade por parte de professores e alunos? Como os católicos se sentiam naquele ambiente predominantemente evangélico? O fato da escola pública ser laica prescinde de uma discussão sobre o crescimento dos neopentecostais e sua influência na mudança de referências culturais na escola?*

Para além destas perguntas, o drama de *Maria*, o papel que a doença teve propiciando a união do grupo, na organização dos cultos e orações merece ser destacado.

¹² “De vez em quando a gente tá aí orando por eles porque de vez em quando as crianças aparecem com problemas, chorando, com problemas de casa, então a gente tem de estar orando por eles.” (Trecho da Entrevista de Ana).

¹³ Cujas entrevistas não destaquei no corpo deste trabalho, mas trago o seguinte trecho de sua fala: “Ela [Marta] tinha me colocado como professora de coreografias e na aula dela a gente fazia deveres de religião, cantava, ensaiava, tudo isso que a gente fazia”.

Não era uma pessoa qualquer da escola que estava muito doente, era a *Filha da Diretora*. A exemplo do *Filho de Deus*, que se submeteu a um sacrifício anunciado, todo o sofrimento pelo qual *Maria* passaria, foi “revelado” de antemão a uma professora que chamo de *Verônica*:

“...É que fui dormir e de repente veio muito o nome dela [da Maria] na minha frente. E no dia anterior eu tive muito com ela fazendo relatórios, então veio uma visão assim: a Maria precisava orar, eu falo rezar(...) Aí eu orei e fui dormir. Primeiro eu vi muito ela, vi muito a menina e pedi. Orei, orei e fui dormir, que eu precisava dormir que eu estava muito sufocada. Então eu fui dormir. Tive logo em seguida, um sonho, com ela, vendo-a na cadeira de rodas. Ela não conseguia prestar muita atenção e a criança atrás nua, despida e ela numa vida vegetativa na cadeira de rodas, sem poder, imobilizada para tudo. Aí eu contei para [a professora] Raquel, eu sempre aprendi a contar pra dividir (...) [decidi] avisar a Diretora, que de repente a menina tá precisando de apoio, uma coisa assim. (...)Quinze dias depois nós chegamos e a diretora estava chorando muito e nós descobrimos que a Maria estava com um tumor aqui atrás na coluna (...)

Eram seis tumores e que a mãe estava com muito medo da filha ficar parálitica, não poder andar e que ia ter que fazer uma operação com urgência, né? Então a gente ficou meio que assustada e lembramos logo em seguida do sonho. Neste dia, fizemos a oração, consolamos, procuramos na palavra de Deus um a palavra que pudesse consolar a ela e lembramos, se Deus deu um sonho, era sinal de que ele já estava agindo, sabia o que ia acontecer porque ele já estava preparando já a Maria pra operação, né? Pro que ia acontecer com ela, tanto é, que para uma pessoa com seis tumores e serem benignos, só pela misericórdia de Deus.”

Outro ponto de reflexão extremamente importante, refere-se à explicação que o grupo me deu sobre a intervenção de Deus, da cura divina para a enfermidade *anunciada* de *Maria*. Esta explicação, que teria bastante sentido em uma Igreja, por exemplo, em que esta seria a lógica de entendimento, se dá em outro local: na escola. Qual o papel da escola na explicação das enfermidades e no reestabelecimento da saúde? Rodrigues (2003) reflete sobre como escola/sociedade/igreja trabalham com a explicação sobre doença e cura:

“... a escola explica para os seus alunos a origem das doenças através das bactérias ou vírus, em conformidade à explicação do atual modelo biomédico, e a busca da cura para estas doenças a partir da descoberta de como superar estas infecções. Os alunos que frequentam estas escolas e têm pais que participam de cultos em igrejas neopentecostais e que já foram curados de alguma enfermidade no interior destas igrejas, vão ter uma outra visão sobre a questão da doença e possivelmente trarão esta discussão para a sala de aula. Como o professor lida com uma situação como esta? Ele precisa ter subsídios

que lhe permitam conduzir esta discussão de forma consciente e sem preconceitos.”

(Rodrigues, 2003: 17)

Como esta síntese ciência \times religião é criada nesta escola em particular? Parecia que na escola *logos*, não havia uma oposição nítida nos discursos destes dois campos. Ao contrário, parecia haver uma complementaridade entre a ciência e a dimensão mágica, pelo *Dom da Cura*.¹⁴ Mas como se dá esta questão numa escola onde o professor não possui este sistema de crenças, o desconhece ou tem pressa mais em estigmatizá-lo que em pensá-lo criticamente? Daí a importância destas discussões nos cursos de formação de professores.

COMO SE ENTENDE E COMO SE TRABALHA A CULTURA POPULAR NA ESCOLA *LOGOS*

Em minha primeira visita a escola, quando expliquei os objetivos do meu trabalho, expus que além do Ensino Religioso, buscava perceber como a escola entendia e trabalhava a Cultura Popular. *Marta* me perguntou o que eu queria dizer com a questão da Cultura Popular e quando comecei a explicar, ela disse: “*Ah, folclore, estas coisas*”... “*Vou ser sincera com você, essa parte aqui não é muito trabalhada não, não fizemos nem festa por causa do problema da Maria.*” Este foi o primeiro entendimento que tive nesta escola sobre o como entendiam o folclore. Ao contrário do movimento que o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular realiza para aproximar folclore e Cultura Popular, nesta escola, este entendimento não funcionava desta maneira. Cultura Popular era algo impreciso e mais de uma vez me perguntaram “*Como assim, Cultura Popular?*” Se *Cultura Popular* era um termo introduzido por mim, então o que eles entendiam por Folclore? Este entendimento foi sendo adquirido ao longo dos depoimentos que se seguirão.

Para minha surpresa, transcorridos alguns dias de minha primeira visita, observei nas paredes vários cartazes sobre Folclore, que não estavam aí anteriormente.

Aquilo me intrigou bastante. A mim parecia paradoxal que a escola não tivesse realizado uma festa, nem mencionado um trabalho com os alunos sobre o tema e a multiplicação dos murais sobre o mesmo. Minha impressão foi que após minha visita inicial, as professoras ao perceberem meu interesse pelo tema, produziram material para

¹⁴ Note-se que *Maria* ficou curada através de uma cirurgia delicada, isto é a medicina teve papel central na extirpação do mal. Ao que parece os limites da ciência estão submetidos à vontade de Deus.

que eu notasse. Alguns meses mais tarde, entrevistando a professora Rebeca da quarta série, perguntei:

“Pesquisadora - Eu comecei aqui em final de Agosto ou em Setembro, então eu não peguei esta parte do folclore. Como foi isto este ano? Como foi a comemoração?”

Rebeca – Não teve muita coisa, foi mais lá na SEMED¹⁵, no SESI.

Pesquisadora – Eles fizeram uma festa geral, não foi uma coisa da escola?

Rebeca – É, eles até fizeram alguma coisa, mas foi mais pra lá. A gente trabalhou mais levou para lá.

Pesquisadora – Não teve festa aqui...

Rebeca –É.”

A fala de Rebeca, de que “Não teve muita coisa”, pois a culminância dos trabalhos das Unidades Escolares foi realizada na SEMED, não condizia com tantos cartazes nos murais que aliás, não pareciam produzidos pelos alunos. Em entrevistas com algumas professoras evangélicas da escola algum tempo depois, ficou clara a dificuldade destas em trabalhar festas do folclore¹⁶ e *Cultura Popular* quando entendem que estas se chocam com sua religião. Marta explicita claramente esse embaraço:

“ ... faz parte do currículo e eles (os alunos) são obrigados a ouvir. É um costume popular, você precisa saber. Eu tenho um filho na escola, nós somos evangélicos e teve a “Semana do Folclore” e então a gente teve até que levar uma comida típica e eu não deixei de levar por que nós somos evangélicos...”

Pesquisadora – E ele dançou na festa junina com todo mundo?

Marta – Ele não dançou por que ele esqueceu do dia e como ele esqueceu, eu por mim também deixei, por mim ah! Já que ele esqueceu, não faz bem, também não vai fazer mal, então não vou. Ai depois que houve a professora falou “Você não veio e tal” e aí não sei o que ela falou para ele e ele falou “Ah tia, não vim por que não é de Jesus não!” Uma criança de 4 anos, hein? Então quer dizer, é dele. Se ele dissesse “Mãe queria ir, eu quero ir” eu até deixaria, entendeu? Mas aí ele disse “não é de Jesus”... Não sei se é essa criação nossa estar todo dia na Igreja, tem escolinha dominical, onde as professoras falam que a gente não pode se contaminar com as coisas do mundo, mas a gente tá inserido, não pode fazer nada...” (LC, Grifos meus)

Marta primeiro afirma como legítimos os ensinamentos do folclore, independentemente de pertencimento religioso, no entanto, quando fala de seu filho, deixa transparecer toda uma gama de juízos particulares sobre isto, primeiro quando se lembra da festa, mas não encoraja o filho a participar e nem ao menos o comunica para que ele decida

¹⁵ Secretaria Municipal de Educação.

¹⁶ Lygia Segala (2000), afirma que o folclore costuma ser utilizado como recurso didático, repertório de figuras descontextualizadas e como festa.

se quer ir e depois quando corrobora a afirmação das professoras da escola dominical: “a gente não pode se contaminar com as coisas do mundo”.

No mesmo sentido a professora *Rebeca* parece ratificar as idéias de *Marta*, ao falar sobre a participação dos alunos evangélicos por ocasião de eventuais trabalhos de culminância sobre folclore:

“Eu acho muito difícil porque a maioria não quer participar. A participação é bem reduzida quando fala que tem que fazer alguma coisa assim, geralmente a do folclore, né? A participação é muito reduzida das crianças por causa da religião né?”

Pesquisadora – E como é que você trabalha isto como professora que é evangélica?

Rebeca – Eu tenho que trabalhar né? Mas isto eu não posso passar para a criança né, até porque a religião não permite, eu não posso trabalhar. Eles até aprendem né, mas a participação, assim, eles tendo que fazer um trabalho, uma pesquisa, fazem, mas assim folclore, ter de apresentar alguma coisa tipo Bumba Meu Boi, eles não participam, de coisas assim. Então eu não posso avaliar por este ponto né? (...)

Pesquisadora - Você tem filhos Rebeca?

Rebeca – Tenho dois. Um tem dois anos, a menina e o outro tem dez.

Pesquisadora – Então o de dez já tá na escola. Como é que é a tua posição como mãe, quando seu filho na escola, tem este tipo de festividade, diretamente relacionada ao catolicismo ou alguma coisa que não tem haver diretamente com a sua religião. Como é que é?

Rebeca – Ele participa assim, vai todos os dias que tem que ir, mas só que dependendo de mim assim, que tem coisas, uma festa, uma coisa de festa em que eu me sinta responsável, pra comprar roupas assim, e ele faz, ele participa de tudo, se depender dele né, de participar. Mas tem coisas que eu não acho certo, aí eu peço que aquele dia ele não vá, não vá participar.

Pesquisadora – Me dá um exemplo concreto.

Rebeca– Assim, quadrilha estas coisas assim, entendeu? Ele participa assim de toda a preparação, né? Ele faz outras coisas lá. Tudo bem, só que no dia da festa eu não vou.

Pesquisadora – Ele questiona isto?

Rebeca – Ele gosta de dançar, de brincar, estas coisas assim, mas aí, eu até falo o porque para ele, mas só que ele não entende muito bem, eu acho que não entende. É porque ele é muito assim ativo, ele gosta de participar de tudo, mas ele entende bem, não fica chateado não. A gente procura sempre fazer uma coisa no dia da festa, uma coisa diferente assim.”

Quando perguntada sobre como trabalha folclore sendo evangélica, o peso da obrigatoriedade curricular fica evidente: “*Eu tenho que trabalhar né?*” Ademais, sua capacidade compreensiva para os que se recusam a participar de danças por questões religiosas toma características de cumplicidade, haja vista que pede para seu filho não participar da quadrilha, lhe oferecendo algo diferente. Parece que o entendimento que se

tem da festa junina nesta escola específica, vêm associado à festa da tradição católica e o folclore vêm associado aos mitos e lendas, encarados como mentirosos, se opondo à “*verdade da religião*”.

Curioso como as professoras dizem delegar aos filhos a decisão sobre a participação nos folguedos como se a influência delas próprias não estivessem em pauta.

No tratamento desta questão, outro ponto necessita ser destacado: o conhecer e o participar. Existem muitas maneiras de se trabalhar a Cultura Popular que não necessariamente através de uma celebração pontual de fevereiro, junho ou de agosto. Existe uma Agente de Leitura na escola, a professora *Sara*, que não tem obrigatoriedade de entrar nas salas de aula toda semana, mas tem por ofício subsidiar professores e alunos em temáticas que desejarem pesquisar buscando e fornecendo o material específico.¹⁷ Assim, entendo que um trabalho sobre cultura pode se dar pela via da literatura, da música, da história que leve ao conhecimento de costumes populares, sem necessariamente precisar ser concluído com uma dança ou uma apresentação que contrarie convicções religiosas. A impressão que fica é que nem se conhece, nem se participa do folclore, inviabilizando para o aluno a história cultural brasileira. Em geral se atribui à dificuldade ao aluno, mas nem sempre a dificuldade é só do aluno.

Raquel, também professora evangélica, mostra, através de sua fala, que muitos evangélicos apresentam dificuldades em trabalhar folclore:

Pesquisadora – Você mencionou ainda pouco para mim, na sua sala, que tem escola do município que nem trabalha folclore. Você teria o nome de algumas escolas?

Raquel – Eu falei isso pra você, mas é assim de comentário de ônibus, de comentário de outras pessoas, você nem pega o nome da escola e eu por ser, por estar aqui, numa das últimas escolas do município, está aqui no extremo sul, então eu não tenho assim, conhecimento nem de muito nome de escola, eu só conheço assim, as três escolas maiores de São Gonçalo, entendeu?

Pesquisadora – Mas você acredita que isto realmente acontece, que tem escola que chega ao ponto de nem trabalhar estas datas da Cultura Popular?

Raquel – Acredito...acredito.

Miriã e *Verônica*, também professoras evangélicas, dizem trabalhar o folclore com os alunos, mas demonstram dificuldade em “ensaiar quadrilha”:

“Verônica - A gente fala de tudo, tem crianças que são mais ligadas à religião evangélica que diz: Ah tia, não põe este determinado desenho, quando fala de saci né, alguns não gostam, mas respeitam e a gente fala que faz parte da

¹⁷ Importante acrescentar que as escolas municipais de São Gonçalo ainda não contam com computadores com acesso à internet para alunos e professores.

cultura, que isto não é necessariamente uma história real, que acontece, mas que faz parte, que o avô viu, a mamãe e a gente vai passando, dá medo os mitos, essas coisas assim.(...)

Pesquisadora – E esta coisa de pegar cantiga sertaneja e tal, já é uma maneira de não entrar em conflito?

Miriã – Não.

Verônica – Isto que eu ia colocar: não. É que é mais fácil da gente ter a sintonia, como eu falo?

Miriã – A criança daqui já conhece muito música sertaneja, é o funk, é a música sertaneja. Então pra gente é mais fácil trabalhar...

Verônica – É então pra gente entrar em sincronismo de dança de passinho, essas coisas, a gente não tá muito aberto, não porque, mas porque a gente não sabe mesmo, né? Então, só tem uma professora que gosta muito de música da caipira, que utiliza...

Pesquisadora – Quem?

Verônica – É a professora Judite ela já tem os passinhos, a brincadeira de roda e a gente fica com a música sertaneja que é mais fácil deles projetarem o corpinho, de se expresarem, que as outras.”

Parece significativo atribuir a dificuldade de trabalho com o folclore ao aluno apenas, como afirmou *Marta* e *Rebeca*. Por outro lado, não trabalhar quadrilha, trabalhar um *funk* ou *sertanejo* me parece uma saída acomodativa, já que alguns estilos musicais não se chocam tão frontalmente com a cultura evangélica quanto uma dança de quadrilha, por exemplo, que faz referência a santo.¹⁸ Dançar o sertanejo tira a referência a São João, desespirtualiza a festa junina e ao mesmo tempo não pode ser contestado: *afinal sertanejo não é mesmo caipira?* Outra questão relevante é que a única professora que “gosta muito” de música caipira seja justamente a professora católica.

Judite, a professora católica, “que gosta muito de música caipira”, também traz à tona um conflito que não havia ainda aparecido de modo direto em nenhum outro depoimento sobre sua percepção da dificuldade das professoras evangélicas frente aos festejos de folclore e Cultura Popular:

*“Olha a maioria, 70% [dos alunos] eles participam, mas têm alguns que não participam das atividades, principalmente para dançar. Quando é meio de semana, eles até vem e a gente até evita de fazer estas coisas, agora **professor evangélico que não vem e que não participa, só Rebeca e Miriã, os outros participam.** As crianças, elas participam, têm algumas que não vem porque os pais não deixam. Por exemplo, a capoeira, teve uma menina que agora ta até na quarta-série, foi minha aluna ano passado, ela ia participar mais a avó não deixou, pois eles ligam a capoeira ao candomblé e a avó não deixou e tem*

¹⁸ A este respeito NOVAES (2003) possui artigo onde fala da estreita ligação entre alguns cantores de hip-hop e a dimensão religiosa, resultando num *rap gospel* evangélico.

outras crianças também que não participaram por isto, mas tem algumas crianças que são evangélicas e estão participando.”

(Grifos meus)

Os fatos relatados - a negativa de participação dos evangélicas em festividades relacionadas à tradição católica, a dificuldade de alguns professores em trabalhar o folclore, a própria “preferência” pelo sertanejo em detrimento da quadrilha- explicitam no âmbito da escola, conflitos do campo religioso. Segundo Bourdieu (1974)¹⁹ os sistemas de crença existentes estão inseridos no campo de disputas em torno da busca do monopólio pelos dos bens de salvação.²⁰ As estratégias de conversão estão quadriculadas por estes interesses também dentro da escola, em sua dimensão religiosa e política.

Neste universo escolar específico, parecem haver alianças internas em torno do pertencimento religioso, haja vista a fala de *Judite* sobre as professoras evangélicas e das evangélicas sobre ela, como a única que sabe ensaiar uma quadrilha. Embora ocorra uma aparente inversão hierárquica no momento do culto, como já citei, no dia-a-dia da escola, existem demarcações hierárquicas muito específicas, e que parecem se rearrumar circunstancialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola *logos*, por um determinado período de tempo, as aulas de Ensino Religioso foram suspensas em função da licença médica da professora *Raquel* que *Marta* precisou substituir. Para minha surpresa, professores, pais e alunos não manifestaram insatisfação pela pausa de dois meses no trabalho de *Marta*, apesar deste ser sempre muito elogiado pelo grupo. Isto me leva a acreditar que o religioso era tão pregnante naquela comunidade, que o fato de estarem sem aulas, parecia não interferir neste de modo significativo.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS. São Paulo: Perspectiva, 1974.

²⁰ Fica claro através desta definição, que um campo é um espaço social de relações com fronteiras definidas onde é possível identificar como os agentes se posicionam hierarquicamente neste. O autor nos alerta que “O campo é um espaço de conflitos e de concorrência por um monopólio sobre a espécie particular de capital que é eficiente no campo e o poder de decretar a hierarquia e as taxas de conversão entre diversas formas de autoridade em um campo de poder”

Com relação à rede de relações internas, parecia haver maior relação de afinidade e amizade entre as professoras evangélicas, sem contudo indicar algum tipo de conflito declarado com as demais.

Apesar de reconhecer a pertinência desta discussão nas escolas, possuo convicção de que no ensino público laico não deve haver espaço para ensino religioso, pois o público é por excelência o local do conagraçamento de todos, logo é espaço da pluralidade, onde seria danoso ao espírito democrático que uns poucos tivessem acesso a algumas poucas religiões credenciadas. Além do que, a fronteira entre o confessionalismo e o proselitismo, me parece extremamente tênue. Contudo, a escola pública laica, as escolas privadas confessionais ou não, os docentes, os cursos de formação de professores, a sociedade civil de maneira geral não podem mais se eximir de uma séria e urgente reflexão sobre a religião e suas diversas articulações com a política, com a educação. Perguntas como: O que concretamente percebemos como conseqüências nas mudanças que assistimos no campo religioso brasileiro? O que esta discussão tem haver com a escola? Conhecer uma religião tem que ser o mesmo que participar dela? Como a religião e a ciência na escola estão articulados? Estão? É possível ainda conceber acriticamente um calendário escolar pautado unicamente no catolicismo?

Clarisse Nunes (2003), em seu artigo chamado “*(Des)Encantos da Modernidade*”, mostra como foi transferido para a escola o ensino das virtudes no projeto educativo republicano e como este se articulava diretamente à questão religiosa. Na verdade esta construção, ainda hoje obscurantiza o entendimento de que o ensino de valores, da ética, da cidadania ativa, da economia solidária, da justiça ambiental, do respeito às diferenças, podem e devem ser trabalhados todo o tempo na escola, se inter-relacionando com todas as disciplinas, como um tema transversal, independentemente da religião. A solidariedade, o compromisso, o bem comum são categorias que durante muito tempo estavam agregadas ao âmbito do religioso, mas que estão postas no debate político laico contemporâneo e que alcançam ou devem alcançar à escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Martha. O IMPÉRIO DO DIVINO: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. RJ: Nova Fronteira, 1999.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. SP: Paulus, 1991.

BONFATTI, Paulo. A EXPRESSÃO POPULAR DO SAGRADO: Uma Análise Psico-Antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. SP: Paulinas, 2000.

BOURDIER, Pierre. A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS. SP: Perspectiva, 1974.

CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: Revisitando Um Conceito Historiográfico*. ESTUDOS HISTÓRICOS, vol. 8, N ° 16. RJ: 1995, p. 179-192.

MAFRA, Clara. OS EVANGÉLICOS. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

NOVAES, Regina Reyes. *Pentecostalismo, política, mídia e favela*. In RELIGIÃO E CULTURA POPULAR .RJ: D P & A, 2001, p.41-74.

_____ *Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público*. In BIRMAN, Patrícia (ORG.) RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO. SP: Attar Editorial, 2003.

NUNES, Clarice. *(Des)encantos da modernidade pedagógica*. . In 500 ANOS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL.3ª. edição. BH: Autêntica, 2003.

PARKER, Cristián. RELIGIÃO POPULAR E MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA: Outra Lógica na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, Gabriela Soares. O “SABER DE EXPERIÊNCIA FEITO” DOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA E LAICA: A CRESCENTE E SILENCIOSA PRESENÇA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS. RJ: Niterói: UFF, 2003. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SEGALA, Lygia. *A troça, a traça e o forrobodó: Folclore e Cultura Popular na Escola in* MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA ESCOLA. RJ: D P & A, 2000, p.61-75.

VALLA, Victor Vincent (ORG) RELIGIÃO E CULTURA POPULAR .RJ: D P & A, 2001, p.113-139.